

O Ruivo

Autor: Matheus Yoshino Russo (Escrita Dramática I)

Personagens:

Victor

Jeremias

Cena I

O cenário é composto por uma fogareira no centro do palco e um varal com algumas roupas velhas e uma boina no chão ao lado da fogareira. Victor está sentado no chão fazendo uma sopa numa panela sobre a fogareira. Jeremias entra agitado.

Jeremias: Victor! Eu o vi! Eu acabei de ver o Ruivo!

Victor: O Ruivo? *(levanta-se bruscamente)* Tem certeza?

Jeremias: Na hora eu não acreditei. Mas sim! Certeza absoluta!

Victor: Merda... *(Agacha e desliga a fogareira)* Temos que sair desse lugar. *(Usa um pedaço de pau para pegar um casaco do varal e veste)* Espera. *(pausa, ambos se olham)*
Ele te viu?

Jeremias: *(atordoado):* Não tenho certeza.

Victor: Como não tem certeza?

Jeremias: *(segura Victor pelos ombros):* Ele não tinha olhos. Não tinha como saber.

Victor: Caralho, a gente já era. Sabe dizer se ele te seguiu até aqui?

Jeremias: Victor... Ele sequer tem pés ou mãos. Eu não sei nem como ele se mexe. Eu to com medo, cara. *(Victor pega uma blusa do varal e entrega para Jeremias em seguida pega e veste a boina)*

Victor: Vamos ficar bem, tá legal? Vem. *(caminha em direção à coxia)*

Jeremias: Espera. *(Victor para e vira para Jeremias)* Você acha que precisamos mesmo sair e deixar tudo? Como pode ter certeza de que ele vai vir atrás de nós?

Victor: Como assim, Jeremias?

Jeremias: Eu nem sei ao certo de quem estamos falando. Eu só vi de relance, tive que olhar de novo pra conferir. Foi tudo muito rápido e-

Victor: Jeremias, tem algo que você não me contou?

Jeremias: O que?

Victor: O cabelo.

Jeremias: O que tem?

Victor: *(impaciente):* De que cor era o pelo dele?

Jeremias: Ruivo.

Victor: *(desesperado):* Porra, Jeremias! Agora fodeu! Agora a gente tá fodido!

Jeremias: Mas foi só isso que eu vi! Fora isso não tinha barriga, nem espinha dorsal, nem as tripas eu vi! Ele não tinha nada!

Victor: Você sabe por que chamamos de ruivo? *(olham-se, pausa)* Porque eu não. Só o chamamos assim incondicionalmente. Mas ele apareceu pra você...

Jeremias: Victor, calma! Eu não sabia! Eu não fiz por mal, eu não...

Victor: *(tom de voz ameno):* Chega. *(tira a boina e a aperta contra o peito)* É melhor não falarmos dele. Ele pode estar escutando.

Jeremias: Não, não! Não, por favor, me ajuda! Eu não queria! *(vira-se de costas para Jeremias e procura em volta afoito pelo Ruivo)* Tá escuro, eu não to vendo nada... *(Victor pega o pedaço de pau e acerta Jeremias, atordoando-o. Solta o pedaço de pau e veste a boina)*

Victor: Eu sinto muito, meu amigo. *(Sai. As luzes diminuem, ficando difícil de enxergar. O corpo de Jeremias é puxado pelos pés até ficar até que o público o perca de vista. Não é possível distinguir o que o puxa).*

Fim

REFERÊNCIAS

O texto teve como ponto de partida outro texto chamado *Caderno Azul N°10* que, numa leitura literal, descreve uma pessoa que não tem parte alguma do corpo. Onde colocar essa “não pessoa” num novo texto? De onde posso tirar um conflito ou objetivo de alguém invisível?

O caminho que escolhi foi propositalmente coerente com meu objeto de estudo no momento: o terror no teatro. Assim como as lentes das referências que possuímos individualmente afetam diretamente na nossa recepção de alguma obra, o processo criativo não é diferente. Ainda vejo esse campo muito cru na minha cabeça, contudo algumas coisas soam sólidas. O terror está no desconhecido, naquilo que nos provoca o sentimento inerente da sobrevivência: o medo. Através deles, somos provocados a escolher uma reação, sendo ela a fuga ou a luta.

O desafio de escrever com tanta pressa nos obriga a ponderar menos as possibilidades. O que é ótimo ao colocar a ação antes do pensamento. Creio ter resolvido essa espécie de esquete através de uma situação simples cujo objetivo é criar justamente essa tensão acerca do desconhecido que nos ameaça. As próprias reações também são convergentes com a proposta do medo, numa busca por uma linha pouco explorada no teatro que é o terror. A atmosfera é tudo. Quem é o ruivo? O que Jeremias fez antes? Isso tudo fica em segundo plano para um texto maior. Aqui, julguei importante a atmosfera de uma ameaça pouco tangível e clara, sem compromisso com o que vem antes e depois, onde a maior parte das respostas fica a critério do espectador.

